

A N A N A B A N A N A

N A N A B A N A N A

A N A B A N A N A

N A **B A N A N A**

A B A N A N A

B A N A N A

A N A N A

N A N A

A N A

N A

A

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação no curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do professor doutor Fabio Cypriano.

2

A Banana

4

Parafina: essência de
Homofobia

12

Sendo gay aqui, ali,
em São Paulo e Amsterdã

18

Empresas querem o pink
do arco-íris

24

Nesse campo não tem
homofobia

36

Relacionamento no
mundo Pós-Tinder

46

E agora, José?

52

Ele tinha uma sogra
mas não à conhecia

60

Morte sem punição

64

Quem indica



A Banana

Banana é um compilado de ideias e mensagens de auto-afirmação. É libertador poder ser quem a gente quiser, e é gratificante poder escrever para meninos, que assim como eu, sentem a dificuldade de viver em um país homofóbico.

Com a Banana, quis trazer boas histórias e personagens, fugir do estereótipo do gay que só se preocupa com beleza, roupas e pegação - é claro que eu também olho para isso, mas aqui, o foco é falar sobre a realidade brasileira, dos preconceitos enfrentados e das formas de superação.

Quis mostrar que tem gente, e muita gente, fazendo a mudança de pensamento, quebrando barreiras e se aventurando em campos que durante muito tempo foram ocupados apenas por "machos".

A revista viaja em todos os campos e esferas sociais, conversa com desde o atendente da padoca, até o galã do Jardins, em São Paulo.

O foco é trazer reflexão, atitude, boas práticas e muita informação!

Se faltava conteúdo gay, além do pornô, agora não falta mais. A Banana tá pronta e madura. Pode descascar e engolir conhecimento.

Felipe Augusto de Souza



Parafina: essência de homofobia

O esporte que prega a inclusão e espiritualidade mas que ainda vive submerso nos preconceitos e homofobia

O instante que antecede o se jogar nas ondas, é o momento mais importante antes de cair nas águas e surfar. A sensação de plenitude e contemplação que só o oceano traz é, ainda, um lugar de provações e dificuldades para muitos.

Os valores do surf, como muitos acreditam, não é tão lindo assim, e infelizmente, existem muitos preconceitos que envolvem atletas e suas condições sexuais divergentes à heterossexualidade. Não se conhece ou não é divulgado muitos nomes da modalidade assumidamente gays. Ainda é um tabu falar sobre o assunto em um campo que, em tese, é tão aberto e receptivo.

Para o jornalista Rafael Regis dos Reis, um dos donos da produtora Terruá Filmes, e que cobriu a vitória do Gabriel Medina no mundial de surf em 2014, esse pensamento não é real. “Simplesmente não é assim. Ponto. Como qualquer modalidade esportiva ou segmento social, o surf carrega todos os vícios humanos e o preconceito é um deles.”

No Brasil, não há conhecimento de atletas de destaque que sejam gays. Uma das poucas representantes da comunidade LGBT é a californiana Cori Schumacher. Regis acrescenta que essas estatísticas são um tanto quanto curiosas, uma vez que, em outras modalidades e na convivência do dia-a-dia, os gays estão representados. “Pessoalmente, conheço pouquíssimos surfistas homossexuais, o que me parece demograficamente incoerente. Em todos outros ciclos tenho muitos amigos e conhecidos homossexuais assumidos. Isso talvez seja uma amostragem de como o meio do esporte ainda é hostil às questões de sexo”, avalia.

Foi pensando nessa questão que o francês de alma australiana Thomas Castets resolveu abordar o assunto em forma de documentário. ‘Out in the Line-Up’ foi lançado em 2014 e retrata a vida de Thomas e de outros atletas na busca e aceitação de suas condições homossexuais.

O documentário traz à tona os tabus existentes no âmbito do surf e relatam a solidão de atletas que passaram vários anos se escondendo de quem elas realmente são. Além do filme, Thomas também é fundador do site ‘gaysurfers.net’, uma “extensão” do documentário, na tentativa de fazer com que esses competidores se encontrem e possam surfar juntos, sem sofrerem preconceitos e sendo quem eles são.

O sucesso da rede social foi tão grande que logo conquistou adeptos no Brasil, caso do geólogo Franco Quadros, que desde muito novo já gostava do esporte e vivenciou as dificuldades de ser gay e curtir pegar uma onda. “O surf despertou meu interesse desde criança, no entanto, só durante a faculdade que eu tentei surfar pela primeira vez. Naquele momento eu ainda não havia ‘saído do armário’”, diz Franco. O geólogo também conta que, através da plataforma, tentou criar uma rede entre os surfistas gays no Rio de Janeiro, mas não obteve sucesso. “Já tentei juntar para fazer um grupo de surf de homossexuais, mas desisti. As pessoas não querem se mostrar”, lamenta.

No documentário, Thomas relata algumas das dificuldades que sofreu quando resolveu assumir sua homossexualidade. Uma das razões é que há ainda muitos conflitos entre patrocinadores e competidores. E relembra que ainda há uma imagem que querem manter do surfista bronzeado, loiro, de olhos azuis, e da

mulher com cabelos molhados. Há um fetiche por trás desses personagens. Para muitos, esses são os únicos e verdadeiros surfistas. “Eles são intocáveis e as pessoas não querem desmontar esse personagem fantasioso”, diz Thomas.

Um profissional que se assuma poderá enfrentar diversos contratemplos na carreira, visto que patrocinadores poderiam não querer associar a imagem de suas marcas ao atleta homossexual. Para o jornalista Rafael Regis dos Reis, esta situação é inadmissível. “Acho que a questão dos patrocínios é a que seria mais comprometida porque essa relação visa vincular uma marca à imagem de um atleta para “agregar valor”. Acredito que muitas marcas hesitariam em se associar a atletas abertamente homossexuais com medo da repercussão que poderia ter.”

Apesar disso, houve um avanço na aceitação desses atletas. Tempos atrás, esse tabu era maior e menos discutido. Hoje, mesmo que ainda haja essa exclusão do atleta homossexual, o assunto está em pauta e sendo debatido. “Sem dúvidas já foi pior. Apesar dos pesares, acredito que hoje a comunidade do surf, assim como nossa sociedade, está bem mais preparada para lidar com essa questão. Não podemos negar que compreensão e aceitação, aumentaram bastante nos últimos anos, ainda que esteja longe do ideal”, finaliza Rafael.

Já para Franco, a situação vai um pouco além do acesso à informação. O geólogo acredita que um atleta poderá se assumir mais por retornos financeiros para a marca que o patrocina. “Eu acredito que um patrocinador aceitaria um surfista gay caso ele notasse o potencial econômico positivo que isso poderia trazer para ele, caso contrário, jamais isso acontecerá”.



©Franco Quadros
Na foto: Franco Quadros / Rio de Janeiro - RJ

Se estamos longe ou perto de ver atletas assumidamente homossexuais, não podemos dizer tão cedo. A questão é que estamos carentes de inclusão e de representantes da comunidade LGBT nas competições de surf. Rafael acrescenta que está ansioso para ver essas pessoas curtindo o mar e almeja vê-las nas competições. “Gostaria muito de ver atletas homossexuais do atual Circuito Mundial de Surf tomando a iniciativa de se assumirem e lutarem pela causa”, afirma.

Se depender de atletas, profissionais ou amadores, o arco-íris irá, sim, colorir os nossos mares. Franco finaliza dizendo que é feliz desse jeito. “Eu acho ótimo ser gay e acho ótimo ser surfista. Não tenho problema algum com isso, inclusive, me incomoda o fato de alguns amigos acharem que eu surfo pra bancar de hétero. Pois digo e repito de boca cheia que eu tenho orgulho de ser gay de ser surfista e de ser um surfista gay!”.

The background of the slide consists of horizontal stripes in the colors of the rainbow: red, orange, yellow, green, blue, purple, and pink.

Sendo gay aqui, ali, em São Paulo e Amsterdã

A dificuldade em ser gay e negro no Brasil, um dos países mais homofóbicos e racistas do mundo

O nome dele é de origem hebraica e significa “o que causa sofrimentos”. Jahbez, é bicha, preta e formada em Tecnologia da Informação. Escolheu uma profissão quase que predominantemente composta por homens e desses, a maioria, heterossexuais.

Nos seus 24 anos, o garoto carrega seus jeitos e gestos, possui um cabelo sidecut [raspado nas laterais e mais cheio em cima], em um tom que varia entre loiro e platinado que é inspirado nas grandes divas do pop, como Beyoncé, Lady Gaga e Madonna.

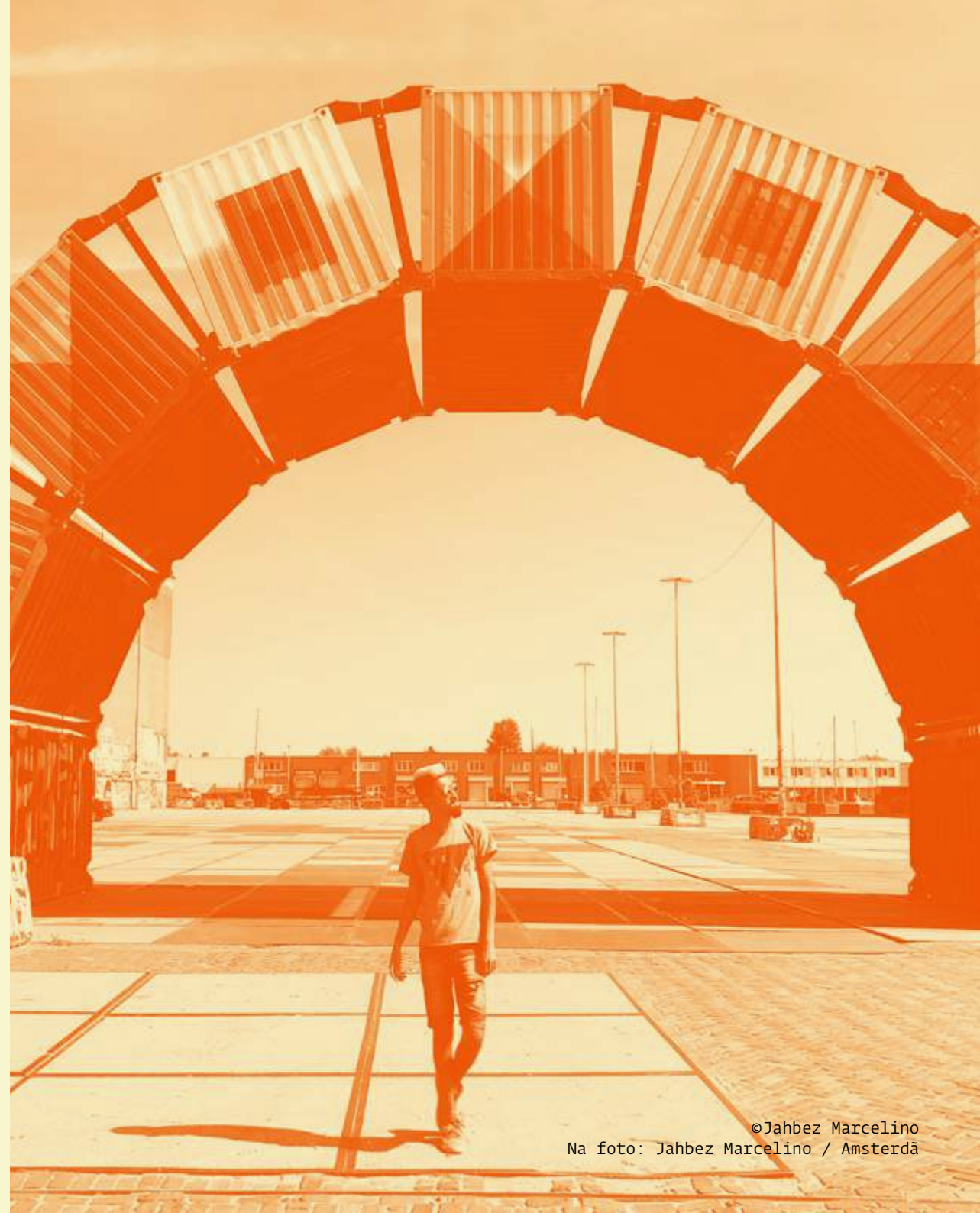
“Admiro muito a Lady Gaga e a representatividade que ela carrega. Eu gosto dos olhos direcionados a mim, meu cabelo me dá voz. As pessoas já reparavam o fato de eu ser negro ou gay, agora elas me “engolem” também por ser loira. Eu gosto de provocar o padrão”, conta o garoto.

Jahbez se diz “blogueiro, ativista LGBT e das causas ambientais” está há 5 anos trabalhando em uma organização sem fins lucrativos. Ingressou na área de Tecnologia da Informação, e hoje, o garoto já têm o seu espaço. É quem cuida de “praticamente tudo” que envolve sua formação.

Militante da causa gay, ele sempre esteve presente nas paradas do orgulho LGBTQ na cidade de São Paulo, pulava ao som de Anitta, dançava ao ver Pabllo Vittar, e se emocionava com as palavras de outras militantes durante a comemoração. Neste ano, de 2018, ele teve a oportunidade de se orgulhar (como gosta de dizer), não apenas em São Paulo, mas também em Amsterdã.

“Lá eu vi que é possível viver em paz, sem medo.

As pessoas estão mais preparadas para entender a diversidade, me senti mais livre em falar e ver. Ser gay é “problema” de cada um. As pessoas reparavam mais no meu cabelo loiro e na minha dificuldade no inglês,



©Jahbez Marcelino
Na foto: Jahbez Marcelino / Amsterdã

do que no fato de eu ser gay”, relembra o menino. “Ser herói” foi o tema da Parada do Orgulho LGBTQ da capital holandesa de 2018, e tinha como foco mostrar a força que essas pessoas têm para enfrentar os preconceitos, a transfobia, homofobia, lesbofobia e outros.

“A Parada lá (Amsterdã) é menos caricata, tem drag, tem afeminada, tem cores e o foco são os carros temáticos que reforçam a resistência. Tinha por exemplo, o barco da polícia com vários gays assumidos e fardados. Tinha temas fetichistas e muitos outros”.

Ao tentar fazer um comparativo sobre os dois lugares, o analista considera que há mais liberdade nos países europeus. “É menos produto para venda, apesar dos patrocínios, senti que as pessoas lá são reais, beijavam na boca, trocavam telefones, se divertiam e estavam preocupadas em dar visibilidade à causa, aquilo era para a cidade e para as pessoas. Vi crianças e bebês com roupas de arco-íris. Era um dia para se jogar a porta do armário para o ar”, finaliza Jahbez.

Enquanto lá fora o tema é discutido desde a infância, no Brasil infelizmente a questão preocupa. O país continua sendo o que mais mata pessoas LGBTQ no mundo. Os dados são alarmantes, apenas em 2017 foram contabilizados 179 assassinatos de travestis ou transexuais. Isso significa que, a cada 48 horas, uma pessoa trans é assassinada no Brasil.

O ativista conta que o preconceito existe no seu dia a dia, e é mais visível quando se é “gay, negro gay e negro gay e pobre”. “Acontece no dia-a-dia indo para o trabalho, quando alguém não senta do meu lado por eu ser negro, ou por ouvirem minha voz “nada máscula”.






A história do menino se repete diariamente, são muitos os jovens expulsos por serem quem são, e Jahbez não foi exceção, teve problemas parecidos dentro do próprio lar. “Minha família virou as costas pra mim por eu ser gay quando eu tinha apenas dezoito anos”.

E se na própria casa isso ainda é um tabú, outro problema é falta de emprego. Uma pesquisa feita pela Agência de Recrutamento Elancers, mostrou que aproximadamente 11% das empresas não contratariam um homossexual para cargos de liderança.

“Quando fui em uma empresa de TI, em São Paulo, em busca de emprego, não sabia como era cruel o mercado de trabalho. Sai de casa com peito aberto e sem medo de nada, já tinha passado por tudo e acreditava que iria ganhar a minha chance. Cheguei no local e os analistas mal se falavam, fiz a entrevista (sendo eu mesmo, tomando cuidado com gestos ou palavras) sem medo de acharem que eu era gay. Sai da sala e praticamente passei no corredor da morte, foram 4 metros e eu só ouvia piadas preconceituosas. E claro, não fiquei com o trabalho”, relata o analista.

Apesar disso, o menino sunshine [brilho do sol em inglês] não perde as esperanças no mundo. “Sonho com mais representatividade, menos gays caricatos na mídia, hétero fingindo ser gay para interpretar papéis em novelas e mais gays na política. Espero mais luta e respeito. E não posso deixar de falar que espero mais união entre os LGBTQ, a gente precisa se juntar e ir atrás dos nossos direitos. Eu quero igualdade!”.



Empresas querem o pink do arco-íris

**Virou negócio:
O dinheiro da
comunidade LGBTQ
tem valido tanto
que empresas estão
cada vez mais se
posicionando em
apoio à causa**

REAIS

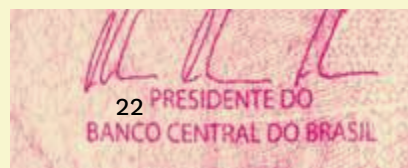
Com uma movimentação financeira em torno dos US\$ 3 trilhões por ano, nos EUA, o público homossexual tem sido visado por empresas de consumo. Eles gastam seu dinheiro com lazer, viagens, cultura, e não abrem mão dos bons restaurantes e roupas. Sem filhos em sua grande maioria, os casais LGBTQ, preferem consumir de outra forma e gastam 30% a mais do que os casais heterossexuais, isso de acordo com a LGBT Capital, empresa norte-americana que busca entender o comportamento financeiro da comunidade.

Segundo o inglês Paul Thompson, fundador da LGBT Capital, em entrevista à IstoÉ Dinheiro, os casais homossexuais somam 400 milhões de pessoas em todo o mundo e reúnem aproximadamente US\$ 750 bilhões somente nos Estados Unidos.

Classificados como DINK [double income, no kids - rendimento sem filhos - em tradução livre], os casais somam seus salários e sem gastos com filhos e escola, sobra para viajar, comprar roupas, jantar e etc. Mas embora possuam uma renda maior, parte da comunidade ainda não sabe muito bem como planejar o futuro financeiro.

“Mesmo com rendimentos acima da média, a comunidade LGBTQ ainda não planeja o futuro corretamente, embora já tenha começado a sentir essa necessidade, principalmente no que diz respeito à aposentadoria e à proteção ao parceiro”, afirma Thompson.

Para o empresário, além dos gastos com lazer e viagens, a comunidade também está investindo em imóveis. “Muitos desses consumidores estão de olho em investimentos, principalmente no mercado imobiliário, em busca da segunda residência ou da casa dos sonhos para a aposentadoria.”



No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, os homossexuais representam 18 milhões de pessoas, com renda média de R\$ 3.200, e são em sua maioria, pertencentes às classes A e B, movimentando cerca de R\$ 150 bilhões por ano.

Se por um lado, empresas como a Thompson está buscando entender o consumo dos casais homossexuais, outras querem mais é lucrar em cima. A Parada do Orgulho LGBTQ em São Paulo é uma das maiores do planeta e atrai turistas de todo o mundo.

De acordo com o Observatório do Turismo, núcleo de pesquisas da Secretaria Municipal de Turismo de São Paulo, durante o evento, cada turista deixou, em média, R\$ 1.200 na cidade.

Apoio ao movimento

A Levi's, marca de roupas destinadas ao público jovem, resolveu criar uma edição especial para celebrar o orgulho LGBTQ e doar todo o dinheiro para instituições que apoiam e cuidam de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Na Casa de Francisca, espaço de shows, no centro de São Paulo, a marca recebeu em junho deste ano



REPÚBLICA

diversos artistas para um pocket show [pequeno evento de música], onde o foco da noite era o debate sobre diversidade e inclusão. A artista travesti Linn da Quebrada foi uma das convidadas e apresentou sua música, seu rap e seu grito por igualdade.

Para a comunicadora Indrya Nieri, o evento teve como objetivo dar visibilidade à causa. "Acredito que as marcas não só estão mais abertas a isso, como buscam isso. Elas entendem o que aquele artista representa, o que ele transmite para o público e tem interesse em se vincular a essa imagem".

Outra empresa que resolveu surfar na onda do momento foi a Uber, que durante a parada do orgulho LGBTQ deste ano, declarou seu apoio pela primeira vez e falou abertamente sobre isso no Brasil. "A Parada é um momento em que nos unimos pelo mesmo ideal: a igualdade. Não importa se você está no banco da frente ou no banco de trás, fora ou dentro do carro. Para irmos adiante, precisamos estar juntos."

Para Indrya, se hoje ainda há o interesse financeiro por trás de tais apoios, para a comunidade essa é uma forma de ganhar visibilidade. "É o momento de ocupar espaços. A voz e a arte desses artistas já foi calada diversas vezes de alguma forma e ter um espaço junto a uma grande marca para poder, mais do que vender, falar sobre uma causa, sobre pessoas e sobre lutas, é bem relevante", finaliza.

DEUS SEJA L

DF 001794179

TARTARUGA MARINHA

BANCO CENTRAL DO BRASIL

PRESIDENTE DO

MINISTRO DA FAZENDA

Henrique Meirelles

BANCO CENTRAL DO BRASIL

DF 001



Nesse campo não tem homofobia

Meninos que gostam de meninos estão quebrando tabus e modificando as caras de quem joga o esporte mais querido do Brasil



Pouca gente sabe mas a origem do futebol não é brasileira. O Brasil até pode ser conhecido como país do esporte, mas há relatos muito antigos de outras culturas que já corriam atrás de uma bola.

Na China o jogo -muito parecido com o nosso futebol- já podia ser encontrado há 3.000 anos atrás. Na Grécia antiga e em Roma, essa atividade era utilizados para preparar soldados para a guerra. E nas Américas existiu algo muito similar ao que vemos nos dias atuais.

O fato é que o esporte só ficou famoso mesmo na Inglaterra, em 1863, quando duas associações de "rugby" passaram a criticar o modelo de segurar as bolas com as mãos, dando origem ao The English Football Association, primeira associação inglesa de futebol.

De lá para cá, o esporte só ganhou fama, adeptos e fanáticos. No Brasil, aproximadamente mais da metade da população possui um time de coração, motivo pelo qual o país provavelmente se tornou o "país do futebol". Mas ao mesmo tempo que é de se orgulhar essa "paixão nacional", o esporte ainda carrega traços de uma cultura machista, misógina e homofóbica.

Neste ano, durante a copa do mundo da Rússia, foram noticiados e divulgados diversos casos de xingamentos contra a comunidade LGBTQ. Mais que desrespeito, nunca na história do futebol brasileiro um jogador de renome nacional assumiu sua homossexualidade.

O esporte infelizmente é um espaço pouco inclusivo para as minorias sexuais, e aceitar as diferenças dentro e fora de campo, está sendo construída aos poucos porque há gays que enfrentam o preconceito e que se jogam, literalmente, nos gramados.

Em São Paulo, têm sido casa vez mais comum encontrar times de futebol destinados ao publico gay, até a





última Champions Ligay, aproximadamente 12 times foram escalados para disputar o torneio.

Para o Bulls Football, criado em em Fevereiro de 2017, o time têm a intenção de "incluir e trabalhar a diversidade".

"No início era somente entre amigos e tínhamos apenas 16 pessoas. Hoje temos mais de 40 homens e muitos outros times foram criados no Brasil com o nosso incentivo. O primeiro passo foi em 2017, motivando os demais."

Para Mauricio Silva, jogador, o gosto pelo esporte sempre existiu, mas por conta do preconceito, a comunidade gay sempre esteve fora dos campos e pouco participava dos jogos. "O gosto pelo esporte já existia. O fato é que no futebol em si existe muito preconceito, tanto que em estádios existem muitos gritos homofóbicos e essas atitudes geram tanto medo que as pessoas não têm coragem de tomar iniciativa e jogar bola".

Parte representativa da sociedade é a diversidade e o Bulls faz questão de levantar essa bandeira. "Em todo torneio os times têm que fazer uma performance de dança ou algo representativo para a comunidade LGBTQ, não temos esses estereótipos de que só "gay não afeminada" e o "vulgo-machinho" pode jogar. Isso não ocorre".

Recentemente, uma HQ foi lançada no Brasil e debate exatamente sobre essa questão "O Outro Lado da Bola", escrito por Alê Braga e Alvaro Campos com ilustração de Jean Diaz, conta a história de um craque de futebol, amado por seus fãs que no auge da carreira decide se declarar homossexual depois da morte do ex-namorado.

Em entrevista ao site geek Noobz, os autores falaram sobre o projeto e o que os incentivou a escrever



sobre o tema. “A ideia é mostrar um lado do esporte que existe de fato. E que reflete muito uma realidade do país que acreditamos que precisa mudar. Onde a impunidade sempre existiu, e a paixão pelo futebol sempre a mascarou. Obviamente, existem pessoas e organizações sérias no esporte. Mas outras...”.

Ainda para os autores, o assunto está sendo discutido mas de forma muito lenta dentro dos gramados. “Os xingamentos usados no estádio, contra adversários e árbitros, sempre foram machistas e relacionados à homossexualidade, e considerados absolutamente normais e corriqueiros. As crianças aprendem a xingar nos estádios, com palavras sempre ligadas à homossexualidade. Se hoje a sociedade recebe o tema de uma forma muito mais natural em diversas áreas profissionais, no futebol a situação parece estar décadas atrasada”.

Com a bola no pé, o Bulls Football espera tornar o esporte cada vez mais inclusivo e conseguir se tornar uma associação esportiva. “Queremos ser poli-esportivo. Hoje temos futebol e vôlei, a próxima etapa é começar o handebol, basquete e corrida” conta o dirigente do time.

E entre muitas caneladas, tombamentos e comemorações de gritos de gol, o time quer deixar um recado de amor. “Sejamos mais tolerantes, tenhamos empatia, aceitemos as diferenças e o direito de escolha de cada um. Queremos apenas viver em uma sociedade que respeite a Diversidade e acima de tudo respeite o ser humano. Nós do Bulls somos time pequeno e amador, mas pensamos grande e queremos o melhor em prol da diversidade”.



It's a Match!

Ítalo e Rafael juntaram as escovas de dentes!



Agora eles precisam de você pra dar um up no cafofo.

CONTINUE

Relacionamento no mundo Pós-Tinder

Como o uso dos aplicativos conseguem impactar não apenas os relacionamentos amorosos, mas também o entorno e até o mercado de trabalho

Há uma discussão crescente sobre o impacto da tecnologia nas relações humanas. Uns defendem a importância dos aplicativos de relacionamentos, enquanto outros preferem um encontro mais casual, que acontece ao acaso durante uma tarde terça-feira, na Avenida Paulista, por exemplo.

Durante a Youpix Con 2018 [maior evento para discutir tendências no Brasil] a agência Aurora durante um bate-papo trouxe diversas reflexões sobre o assunto e, dentre elas, que os aplicativos não mudam apenas a maneira de se envolver com “os contatinhos”, mas também com o seu entorno e até mesmo no ambiente de trabalho.

As relações ‘beta’

Uma relação beta é aquela que foge dos padrões que durante muito tempo foram pré-estabelecidos pela sociedade. “Se antes nos relacionávamos com regras claras, hoje estamos migrando para a era do se guiar pelo desejo, pensar nos relacionamentos sem bases de contrato e isso já está sendo colocado em toda a esfera social, explica Rebeca.

A pesquisadora complementa que esse termo muito novo é também um gerador de conflitos, já que para muitos profissionais o problema está em não conseguir desassociar que a lógica da vida é diferente da lógica dos aplicativos, e essa questão tem gerado conflitos dentro de grandes agências, que denominam o cenário como sendo parte da “relação beta”, enquanto outros defendem que Zygmunt Bauman já observava a mudança e a chamava de “modernidade líquida”.

Mas se para Bauman, as relações estavam sendo cada dia mais fugazes, já para Rebeca essa afirmação merece um



ponto de atenção. “A verdade é que as pessoas ainda querem se relacionar, mas querem fazer isso de um outro jeito, com relações experimentais, do desejo, e que são impressas muito bem por esses aplicativos. Hoje, tudo é instantâneo e funciona basicamente da seguinte forma: Do jeito que eu quero. Como eu quero. E quando eu não quiser, eu não quero mais”, comenta a pesquisadora.

Do Tinder ao casamento

Rafael Onori e Ítalo Galiza, ambos produtores culturais, se conheceram no aplicativo Tinder, tiveram uma longa jornada, conversaram por mais de dois meses e só então deram o primeiro beijo, e estão juntos desde então. Se o Tinder mudou o encontro? Talvez, mas os passos posteriores aconteceram como qualquer outra relação, construída aos poucos e com muito olho no olho.

“Ficamos muito tempo conversando pelo aplicativo antes de sairmos juntos. Fomos jantar, voltamos a conversar, saímos de novo e aconteceu. Estamos juntos há 2 anos, dividindo a vida, o apartamento e as contas, comenta Rafael.

Para o casal, o Tinder possibilitou um encontro que talvez não acontecesse em outras ocasiões.

“Nós somos um casal com gostos muito parecidos, mas estávamos em campos opostos da cidade. Em uma metrópole como São Paulo, as chances de nos encontrarmos existiam, mas eram poucas. E o aplicativo trouxe isso para nós”, finaliza Ítalo.

Atualmente eles moram na Santa Cecília, e mobiliaram todo o apartamento com o um crowdfunding [financiamento coletivo], que também é uma extensão

dos novos meios de relacionamento. Na página do casal, está exposto o pedido de contribuição e a história de como eles se conheceram.

“O casal mais fofo que você respeita juntou as trouxas. Já fazem seis meses, mas vamos fingir que é novidade. Até porque dois anos de namoro recém-completados merecem mimos, vai? Mas não é porque nós somos case de sucesso do Tinder que a vida tá fácil, não. Nosso cafofo tá cheio de amor, mas cheio de espaço vazio”

Rafael complementa que quando a página foi criada, o casal não esperava receber tanto apoio e carinho das pessoas. “Foi um sucesso! Batemos a meta, que na época era de dois mil reais, muito rápido, e mesmo após “encerrarmos a vaquinha”, as pessoas ainda queriam doar e pediam até nossa conta de banco pessoal”.

E como mudou, viu?

A sócia-proprietária da agência Aurora conta que as ‘relações amorosas’ foram seus objetos de estudo, na tentativa de medir o agora e como será esse elo no futuro. “Quando você decide namorar, você está trocando coisas e abrindo mão de outras, seguindo “regras” que eram pré-estabelecidas. O que vemos hoje, é outra coisa, no agora, o desejo é o que interessa”.

No estudo, as relações foram classificadas com três perfis. “Relações tradição”, que é o modelo ‘tradicional’, onde as pessoas só se sentem completas quando estão com outro alguém. As “relações líquidas” que são mais fluídas e se reinventam, esse tipo de parceria deposita no outro a sensação de completude. E por fim, as “relações beta”, com menos vínculo, mais flerte, e o que se espera é ser desejado.

As relações beta já existem em diversas áreas na vida das pessoas “São novos jeitos de se relacionar com a vida, com a marca e com os outros. E o desejo de trocar e experimentar são o motor desses encontros”. complementa a pesquisadora.

Para ela, o curioso do estudo é que não é apenas no âmbito dos relacionamentos amorosos que isso acontece, esse modelo já está inserido no dia a dia das pessoas. “No Uber, por exemplo, o que conta é a sua nota, você é avaliado pelas estrelas que tem, e isso é se fazer desejado, você está sempre na vitrine”, explica Rebeca.

A pesquisadora também destaca que a tendência está no trabalho. Essa dinâmica acontece e está na busca pelo trabalho com propósito, de querer quebrar as regras, questionar horários, “ter pufs e salas de jogos” no espaço onde estão. “As pessoas também querem ser surpreendidas no trabalho, elas querem ser desejadas na empresa, que o trabalho seja visto e elogiado, e elas quebram todas as regras pré-estabelecidas”.

Já na onda dos relacionamentos, a tendência está levando a nova geração para outros campos, um caminho que a agência chama de “contratinho”, um novo status entre o primeiro match e o namoro. “É só no contratinho que o desejo consegue dar as caras como ator principal. É uma não-relação”.

Por fim, o estudo apontou que dentre os entrevistados, o número de pessoas que vivem uma relação sem rótulos está crescendo exponencialmente e mostrou também que muitos desses casais partem para ideia de que um relacionamento não precisa ser rotulado para ser verdadeiro.



UMA MÃO É UM TOUPO
a de, mas ele não gosta :c
AMOR  SEUS

😊 VIADO COM ORGULHO!

E agora, José?

Sobrevivência. Essa é a primeira palavra que vem à cabeça de uma pessoa homossexual que é expulsa de casa. No país que mais mata pessoas LGBTQ, 1 a cada 19 horas, ainda é uma realidade que os próprios lares sejam os primeiros a cometer tais agressões. O ato de coragem de sair do armário é também uma quebra de silêncio. Assumir a própria orientação sexual em tempos de tanto ódio têm sido uma atitude mais que corajosa. Em São Paulo, na tentativa de evitar que esses jovens fiquem nas ruas, lares temporários foram criados e servem como abrigo e espaços de estímulo, para que esses meninos possam recomeçar e seguir um novo caminho

Mona Migs

É um aplicativo que tem como principal objetivo criar uma rede de acolhedores para que, quando alguém seja expulso de casa por conta da sua orientação sexual ou identidade de gênero, exista algum amparo e alguma relação de acolhimento para essa pessoa. O aplicativo está em fase final de desenvolvimento e pode ser acompanhado na página do facebook.

Explode

É uma plataforma que pesquisa e experimenta noções de gênero, raça e classe, baseadas em práticas artísticas e culturais socialmente entendidas como periféricas, cruzando também os campos da pedagogia e da justiça social. Realiza práticas imersivas, que enfatizam a convivência e o debate de assuntos caros a esses grupos. Representada pelos artistas, pesquisadores e curadores Cláudio Bueno e João Simões, organiza-se por meio de uma rede nacional e internacional de colaboradores.

CASA 1 - Centro de Cultura e Acolhimento LGBT

A Casa 1 é uma organização localizada na região central da cidade de São Paulo e financiada coletivamente pela sociedade civil. Sua estrutura é orgânica e está em constante ampliação.

Além da república de acolhida para pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) expulsas de casa por suas orientações afetivas sexuais e identidades de gênero, o projeto é também um centro cultural.

A estrutura do centro cultural se divide em duas grandes estruturas: as três salas do casão da Rua Condessa de São Joaquim, e os seis espaços do galpão localizado na Rua Adoniran Barbosa.

Onde fica?

- ›Sobrado Casa 1 - Rua Condessa de São Joaquim 277, Bela Vista - São Paulo
- ›Galpão Casa 1 - Rua Adoniran Barbosa 151, Bela Vista - São Paulo

Horário:

Segunda a domingo, das 10h às 22h

Centro de Acolhimento Zack Narchi

Inaugurado em outubro de 2014, o Centro de Acolhida Zaki Narchi, fica na Zona Norte da capital e tem 900 vagas para acolher moradores de rua.

O espaço tem um alojamento com 24 camas, destinado especialmente a homens gays e travestis, com dificuldade de aceitação em outros abrigos.

Além dos centros públicos de acolhida, também é possível encontrar espaços que oferecem outros serviços, como médicos, psicológico e socioeducativo para a população LGBTQ.

Onde fica?

- ›CA Zaki Narchi II - Av. Zaki Narchi, 600 - Carandiru | Telefone: 2221-1994
- ›CA Zaki Narchi III - Av. Zaki Narchi, 600 - Carandiru | Telefone: 2221-2144

Centro de Referência e Defesa da Diversidade

O Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD) é um espaço público, com apoio da Prefeitura de São Paulo, que acolhe pessoas LGBT's que vivenciam situações de discriminação e violência devido à orientação sexual e identidade de gênero. Oferece atendimento e encaminhamento psicossocial e jurídico, inserção no ambiente social e educacional, orientações e prevenção às DST's, contribuindo para o fortalecimento e o resgate de sua cidadania.

Atualmente, contam com 15 funcionários, sendo 5 técnicos, 4 orientadores socioeducativos, 2 psicólogos, 2 assistentes sociais, um advogado e um coordenador.

Onde fica?

›Rua Major Sertório, 292/294 - República
Horário: 13h às 22h
Contato: 3151-5786 / crd@crd.org.br

Centro de Cidadania LGBT

Os Centros de Cidadania LGBT, são iniciativas da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, atuam a partir de dois eixos: Defesa dos Direitos Humanos, atendendo as vítimas de violência e prestando apoio jurídico, psicológico e serviço social; e Promoção da Cidadania LGBT, por meio de debates, palestras e seminários.

Onde fica?

›Centro de Cidadania LGBT Laura Vermont (Zona Leste)
Avenida Nordestina, 496 - São Miguel Paulista

Horário: Segunda à sexta-feira, das 9h às 19h

Contato: (11) 2033-1156

»centrolgbtteste@prefeitura.sp.gov.br

›Rua do Arouche, 23, 4º andar, República

Horário: Segunda à sexta-feira, das 9h às 19h

Contato: (11) 3106-8780

»centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br

›Centro de Cidadania LGBT Luana Barbosa dos Reis
(Zona Norte)

Rua Plínio Pasqui, 186, Parada Inglesa

Horário: Segunda à sexta-feira, das 9h às 19h

Contato: (11) 2949-2781

»centrolgbtnorte@prefeitura.sp.gov.br

›Centro de Cidadania LGBT
(Zona Sul)

Rua São Benedito, 408 - Santo Amaro

Horário: Segunda à sexta-feira, das 9h às 19h

Contato:

(11) 5523-0413

(11) 5523-2772

»centrolgbtsul@prefeitura.sp.gov.br



Ele tinha uma sogra mas não a conhecia

A história do casal
que assumiu o
relacionamento
anônimo de 5 anos
para a família, no
show da Shakira, em
São Paulo

Parece uma história de filme, mas não é! O relato é real e aconteceu em São Paulo. Rafael é engenheiro ambiental e trabalha como desenvolvedor de comunidades, Christian é jornalista e trabalha em uma empresa de administração.

O Casal se conheceu em uma balada, em São Paulo, há 5 anos atrás e desde de então, mantinham uma relação “escondida”, isso porquê o Christian ainda não tinha assumido sua orientação sexual para a mãe. E o garoto só saiu definitivamente do armário agora, em 2018, no show da cantora Shakira.

Onde vocês se conheceram?

Christian: A gente se conheceu em um momento que nenhum dos dois esperavam. Eu (Rafael) estava solteiro, querendo aproveitar a vida depois de um relacionamento que não me fez muito bem, louco para sair. E eu (Christian), também tinha acabado de terminar o namoro, estava desanimado e não queria sair naquela noite. Foi aí que nos encontramos em uma balada da Rua Augusta, a Blitz.

Rafael: Ele estava de saco cheio, querendo ir embora e eu aproveitando como nunca, quando ele resolveu dar uma volta pela balada, me viu do lado, “pegando” um menino e depois uma menina.

Quando ele foi falar comigo, não pensei duas vezes: peguei ele também. Ele anotou o número dele no meu celular e tentou contato comigo no dia seguinte. Eu não atendia ele, pois nem lembrava quem era. Quando lembrei, retornei o contato e marcamos de nos encontrar ao vivo. E estamos juntos desde então.

Se descobriram juntos?

Rafael: Não. Eu demorei uns 18 anos para realmente

me descobrir. Uma parte de mim negava que aquilo poderia acontecer, mas foi em uma festa de rua no Carnaval que entendi o que estava acontecendo.

Christian: Sempre consumi porno gay, mas nunca tinha ido atrás. Só quando entrei na faculdade que resolvi procurar alguém no aplicativo.

Como foi “sair do armário”?

Christian: É tirar um peso das costas! Dá medo, mas depois vem um alívio. É como quebrar uma barreira invisível. É libertador não precisar provar nada para ninguém e ser quem a gente quiser.

E por quê tanto tempo para se assumir?

Rafael: Eu sempre sofri bullying na escola, por ser gordinho e por não ter os mesmos gostos que a maioria dos outros meninos no colégio. Sempre amei dançar e nunca gostei de futebol. Além disso, sempre ouvia meu pai ter preconceito contra gays e isso me assustava!

Christian: Sentia medo de mudar minha relação com meus amigos homens héteros. Pensava que eles iriam me deixar e perder o carinho que tínhamos um com o outro e também me faltava coragem. Quis ter certeza que era isso que eu queria.

Essa questão era um gerador de problema?

Christian: Também, mas no começo, a distância era um problema maior. E claro, nossos pais não saberem era complicado!

Rafael: Eu ficava bastante incomodado, pois pensava que ele não queria dar um passo a mais na relação. Mas respeitava o tempo dele.

Como aconteciam os encontros entre vocês e como era quando vocês saíam juntos?

Rafael: A gente normalmente se encontrava para sair, mas isso só depois de um tempo, quando o Cris já começou a frequentar mais minha casa.

Christian: Sempre tivemos medo do afeto em público. Demorou muito para ficarmos à vontade com as trocas de carinho.

Os amigos receberam bem a notícia?

Rafael: Tínhamos medo que a nossa relação com amigos mudasse. Felizmente nada mudou! Somos mais felizes hoje, com eles sabendo sobre nossas orientações.

Quem pediu quem em namoro?

Rafael: Com um mês de relação o Cris me pediu em namoro. Ele fez um jantar pra mim e colocou um bilhete com o pedido. E eu aceitei, né amor?!

Vocês assumiram a relação de vocês em um show da Shakira, por quê lá?

Rafael: Foi um momento mais confortável, pois a mãe dele estava com vontade de ir no show. Lá os holofotes não estavam virados pra mim.

Cinco anos de relação, como foi conhecer alguém da qual você tanto ouviu falar?

Rafael: Eu fiquei morrendo de medo de falar algo errado ou de agir de alguma maneira que eu não deveria. Mas foi ótimo! Eu adorei ela! Vi as semelhanças com meu namorado e me fez ser grato por ter transmitido os melhores valores para o Cris.



©Rafael Fernandes
Na foto: Rafael Fernandes, Christian Faria
e Vera Lucia Faria / São Paulo - SP

Já deu para se sentir à vontade diante da presença da mãe do seu namorado?

Rafael: Sim. Os primeiros minutos foram tensos, mas depois fui relaxando. Eu combinei com o Cris de ele tomar as iniciativas. Ele conhece a mãe dele então sabe até onde ir - se puder abraçar, me abraça, se ela não vai se importar de nos despedirmos com um selinho, você que me dá.

Mudou algo agora que a mãe dele está sabendo?

Rafael: Agora me sinto mais reconhecido. Antes eu não gostava de ser "o amigo", então sempre quis que ele assumisse que todo fim de semana está com o namorado.

A partir de hoje, a Shakira terá um novo significado para o casal?

Christian: Sim! Sempre vamos nos lembrar que foi onde nos assumimos para a família.



©Rafael Fernandes

Na foto: Rafael Fernandes e Christian Faria / São Paulo - SP



Morte sem punição

Sob gritos de “Bolsonaro”, mais uma travesti é morta em São Paulo.

A onda de discursos de ódio têm feito mais vítimas.

Trata-se de uma travesti morta no Centro de São Paulo no dia 16 de outubro, reforçando a estatística do Brasil como país que mais mata pessoas LGBTQ no mundo. Priscila, como foi identificada até o momento, é mais uma que morre a cada 19 horas no Brasil, segundo o Grupo Gay Bahia (GGB).

A capital paulista é a que mais concentra casos de homicídio contra vítimas homossexuais, aponta o GGB.

A travesti, que pouco se sabia sobre sua vida, morreu em meio a gritos e xingamentos de “prostituta, vagabunda e Bolsonaro 17”.

O discurso de ódio do candidato Jair Bolsonaro está inflamado, têm feito mais vítimas e já pode ser observado em espaços públicos e de educação. No banheiro masculino da faculdade Unitaal, em Atibaia (SP), os estudantes foram surpreendidos com a mensagem: “Bolsonaro 17, extermínio de gays”. No Rio de Janeiro, na segunda-feira após eleições do primeiro turno, o Liceu Franco-Brasileiro, escola da elite carioca apareceu pichado com a mensagem: “Sapatas vão morrer”.

Essas ameaças citadas acima são parte de um problema maior que é a agressão física. No começo do mês de outubro, a servidora pública Paula Pinheiro Ramos Pessoa Guerra, 37, foi espancada no bairro do Arruda, Zona Norte do Recife, após criticar ideias do novo presidente eleito.

Para Luiz Mott, do site “Quem a homofobia matou hoje”, a imprensa está cumprindo seu papel de informar, mas falta conscientização dos órgãos públicos para lidar com a questão. “A questão não está sendo olhada pelos órgãos públicos, que atualmente não possuem estatísticas governamentais sobre tais crimes de ódio”, finaliza.

Em recente publicação, o site mostrou que até outubro deste ano, 346 pessoas foram mortas no país vítima de preconceito. Calculando 34,7 casos por mês, entre janeiro e outubro de 2018. Uma média de 1,15 casos por dia. Outro fenômeno apontado no relatório é que entre os meses de abril à julho, a taxa de mortalidade diminuiu, e voltou a crescer nos meses posteriores sem explicação aparente.

“Por isto, a necessidade do monitoramento, implementação de políticas públicas de enfrentamento (tanto de segurança pública, quanto de combate às vulnerabilidades sociais). Além de investimentos em investigação científica, melhor divulgação das estratégias de sobrevivência junto à população LGBT, por não existir um arquétipo em que se possam fincar as bases de uma política de prevenção, em outras palavras, qualquer homossexual pode ser vítima de violência ou homicídio, no Brasil”, explica Eduardo Michels, pesquisador e escritor do site.

Para ele, o investimento em segurança pública é o caminho para a diminuição dos crimes e mais respostas sobre os casos. “É necessário investimentos em segurança pública, com policiais capacitados para elucidar e uma sociedade ávida por imprimir a justiça, pois de nada adianta levar ao banco dos réus e o Tribunal do Júri absolver, quando as provas são contundentes quanto à autoria. Além disso, a escola deverá incluir em seus currículos o respeito e o convívio com as diferenças, como premissa básica da vida em uma sociedade democrática e isto não significa ideologia de gênero, pois é o mínimo a ser esperado numa sociedade republicana, onde há de fato a defesa das minorias, sem a pecha do vitimismo”, finaliza o pesquisador.

Quem indica?

Encontrar livros, filmes e séries que trazem a temática LGBTQ, fugindo dos estereótipos, com uma trama boa e sem clichês ainda é um desafio. Embora o mercado esteja crescendo, ainda é comum encontrar conteúdos sem grandes histórias, com personagens que muitas vezes são sem graças e carregados de uma cultura que nada condiz com a comunidade gay.

O mercado que ainda está engatinhando, tem começado a entender que abordar o tema sob uma perspectiva natural é a chave do sucesso. E grande emissoras já estão pautado o assunto e colocando em horários nobres personagens homossexuais, gerando polêmicas por parte dos mais conservadores e também conquistando quem pede por mais representatividade. E para provar que esse é o caminho certo, a edição da Banana trouxe algumas dicas para você rir, chorar e se identificar. Tem para todos os gostos: personagens dos mais variados tipos, das mais diversas histórias, com tramas que merecem atenção e reflexão:



Looking acompanha três amigos vivendo na cidade de São Francisco, na Califórnia. Cada personagem tem sua personalidade e um estilo de vida completamente diferente. Patrick (Jonathan Groff) é um designer de vídeo game com 29 anos que tenta voltar a namorar após descobrir que seu ex está noivo. O artista Agustín (Frankie J. Alvarez), de 31 anos, está cogitando a ideia de assumir um relacionamento mais sério com seu namorado, enquanto o mais velho do grupo, o garçom Don (Murray Bartlett), de 39, começa a enfrentar a crise da meia-idade.



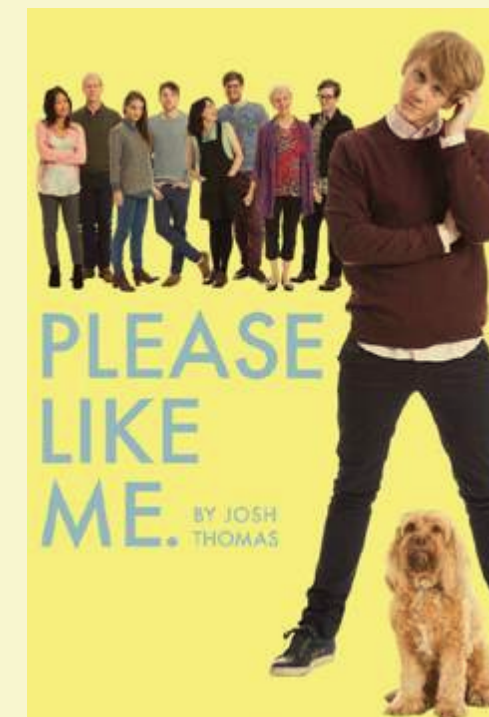
É um romance sobre dois garotos e conta a história de Ethan e Alek. Os dois estudam na mesma escola mas são muito diferentes, um é mais quietinho enquanto o outro é o popular do colégio. A história acontece na descoberta dos meninos e na amizade que começa a migrar para outros rumos.

"call me by your name and i'll call you by mine"

O livro é lindo, mas o filme, os atores, a fotografia... é tudo!
O filme se passa no início dos anos 80 e conta a história de Elio Perlman (Timothée Chalamet), um menino de 17 anos que passa seus dias em uma pequena vila no norte da Itália, tocando música clássica, lendo e flertando com sua amiga Marzia (Esther Garrel). Até que um dia, aparece Oliver (Armie Hammer), um charmoso americano que trabalha em seu doutorado e chega como estagiário encarregado de ajudar o pai de Elio. Seu mundo vira de ponta cabeça; Oliver agita algo em Elio (e Elio em Oliver) e o resto do filme mostra as semanas seguintes e a tensão sexual que segue com a linda cidade de Crema, na Lombardia, como pano de fundo.



Conta a história de Josh (Josh Thomas) que acaba de terminar seu namoro com a Claire (Caitlin Stasey), nesse meio tempo de sofrimento pós relacionamento chega à conclusão de que ele é, na verdade, gay. A história é hilária e mostra o garoto tentando fazer de tudo para que sua família aceite sua orientação sexual. E claro, nesse meio tempo, ele começa um novo relacionamento Geoffrey (Wade Briggs).



FINALISTA DO MAN BOOKER PRIZE E DO NATIONAL BOOK AWARD



UMA VIDA PEQUENA

"A LITTLE LIFE"

HANYA

YANAGIHARA

Candidato ao Prêmio Pulitzer de Literatura de 2016, Uma vida pequena é um dos livros mais surpreendentes, desafiadores, perturbadores e profundamente emocionantes!

Quando quatro amigos de uma pequena faculdade de Massachusetts se mudam para Nova York em busca de uma vida melhor, eles se veem falidos, sem rumo e amparados apenas por sua amizade e por suas ambições. Willem, lindo e generoso, é aspirante a ator; JB, nascido no Brooklyn, é um pintor perspicaz e às vezes cruel que busca de todas as formas ingressar no mundo das artes; Malcolm é um arquiteto frustrado que trabalha numa empresa de renome; e o solitário, brilhante e enigmático Jude funciona como o centro gravitacional do grupo. Com o tempo, o relacionamento deles se aprofunda e se anuvia, matizado pelo vício, pelo sucesso e pelo orgulho. No entanto, seu maior desafio, como cada um passa a perceber, é o próprio Jude, um litigante extremamente talentoso na meia-idade, porém, ao mesmo tempo, um homem cada vez mais atormentado, a mente e o corpo marcados pelas cicatrizes de uma infância misteriosa, e assombrado pelo que teme ser um trauma tão intenso que não só não será capaz de superar – mas que vai definir sua vida para sempre.

N A N A B A N A N A B
A N A B A N A N A B A
N A B A N A N A B A N
A B A N A N A B A N A
B A N A N A B A N A N
A N A N A B A N A N A
N A N A B A N A N A B
A N A B A N A N A B A
N A B A N A N A B A N
N B A N A N A B A N A
N A B A N A B A N A N